

O PRINCÍPIO DA ESPERANÇA A PARTIR DAS VÍTIMAS

* Mestre em Teologia Sistemática.

Alzirinha Souza*

Resumo:

É possível falar de esperança para aqueles que sofrem o mal? O presente artigo apresenta uma reflexão e busca uma fundamentação de sentido para essa proposição, em um contexto moderno e pós-moderno individualista, que insiste em sobrepor o sofrimento à esperança. Entretanto essa dialética se faz possível segundo o olhar crente, aliando-se, a força própria do ser humano de opção pela vida, ao suporte pelo gesto amoroso de Deus, expresso na encarnação do Filho. Neste sentido em um primeiro momento refletimos sobre a questão do sentido mesmo da existência passando num segundo momento à resposta da questão a partir da reflexão sobre as duas chaves próprias do cristianismo: *a pessoa de Jesus Cristo*, como aquele que sofre a experiência pessoal do mal e da injustiça e apoiado por Deus na ação do Espírito Santo a supera, e *a Salvação* na vertente de atuação da Deus na História.

Palavras-chave: Esperança; Vítimas; Sentido; Mal; Salvação.

Abstract:

Hope and evil, is there a room for both at the same time? This article presents a reflection about this and search for a meaningful ground for this proposition in a modern and post-modern individualistic context where suffering seems more important than hope. However, this dialectic approach is possible through the believer's eyes, when allying himself to the strength of the human being in the choice for life, supported by the loving gesture of God, which is expressed in the incarnation of his Son. Having this in mind, she argues that her first step is the existence meaning itself and as second step, she finds two key dimensions in Christian theology: (1)

Jesus Christ as the one that suffered personal experience of evil and injustice and even so he was supported by God in the Holy Spirit's action to overcome this situation, (2) and Salvation alongside with the God's action in history.

Key Words: Hope; Victims, Meaning; Evil; Salvation.

INTRODUÇÃO

Tratar do tema da esperança nos traz sempre à mente a expectativa de uma mudança para algo melhor. Temos sempre a esperança de uma vida, de uma sociedade, enfim de que a vida se transforme em algo mais positivo. Não desprezando o prisma positivo inerente ao vocábulo *Esperança*, também julgamos necessário perguntar: qual é a positividade que pode encontrar uma vítima de um grande sofrimento, de um grande infortúnio? De onde vem a força necessária para uma pessoa, ao passar por determinado sofrimento, manter a esperança de realização de algo melhor?

O contexto social, político, econômico e, porque não afirmar também o religioso no século XX, é notadamente marcado pelo individualismo, pela busca de soluções solitárias. As realidades das guerras passadas e a sempre ameaça de uma futura, a violência, as tragédias climáticas, as realidades de extrema pobreza e de exploração em que vivem determinados povos, acabam por *minar* e obscurecer a esperança genuína e a expectativa de melhora e de solução conjunta e solidária. Então, cabe-nos ainda a reflexão sobre a esperança do sofredor.

Falamos sobre o sentido da esperança¹ nos remete inicialmente a uma reflexão mais geral, sobre um *sentido maior para a vida*. Mais que nos perguntar por uma simples orientação da vida, queremos destacar aqui o sentido em seu significado mais amplo e mais profundo: o *para quê* da vida. A pergunta pelo sentido da vida é uma busca constante da filosofia, e toca a raiz da vida cotidiana. Em todas as épocas houve filósofos que refletiram sobre esse tema:

Sentido significa algo pelo que vale a pena que eu exista, algo ao que posso entregar-me e por que vale a pena viver (Thilicke)

Quem pergunta pelo sentido da vida, se pergunta pela meta da vida, a saber, pergunta para que se vive. (Schaff)

Esta é uma pergunta, sobretudo atual, ainda que saibamos

¹ Cf. J. RUIZ DE LA PEÑA, *El último sentido*. Madrid: Marova, 1980. Cap. I.

que o declarar legítima uma pergunta, não nos garante uma resposta. A Filosofia busca a solução para a questão, sem nunca nos ter dado uma resposta concreta ou posição fechada em si mesma. Ainda assim a pergunta continua atual, porque a realidade se atualiza, na dinâmica da vida, no contexto em que cada um está inserido, influenciando a resposta mesma sobre o sentido.

*Vimos dois aspectos ou dimensões fundamentais na compreensão da esperança. Antes de tudo, que constitui um existencial humano, um traço constitutivo da pessoa enquanto tal, que sem ela, sem algum tipo de espera e esperança, seria um ser contraditório, incapaz de viver.*²

² A. QUEIRUGA, *Esperança apesar do mal*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 71.

A pergunta é pertinente porque a realidade é atualizável, é mutante, e as demandas do homem atual são completamente distintas das de outras épocas da história. Independentemente das épocas e do contexto histórico, é interessante destacar que somente a preocupação por perguntar e continuar se perguntando pelo sentido da vida, traduz uma positividade e uma reação contra o imperativo da fatalidade de sentido instaurado no Século XXI. Se ainda continuamos fazendo perguntas sobre um determinado tema, é porque esse mantém sua relevância. Buscar respostas e fazer perguntas é a forma mais direta de combater o pessimismo imperante a partir da entronização do *nada filosófico*, hoje tão refletida na nossa realidade.

Então é válido refazer a pergunta: *onde buscar razões para uma esperança a partir do sofredor?* Primeiro, na identificação de que o pessimismo radical, a atitude de repulsa à realidade *não é um fenômeno majoritário*, ainda que em determinadas épocas da história estes tenham se sobressaído. Apesar de todas as incertezas e preocupações, o ser humano nunca quer deixar de viver: *e é esse querer o fenômeno majoritário*. Ele está naturalmente propenso a acolher a realidade, a aceitá-la mais do que repudiá-la ou negá-la. Existe algo maior na estrutura psicológica humana que o impulsiona a dar crédito à existência e, de antemão, dá-lhe uma margem de confiança. Apesar das preocupações e incertezas o ser humano nunca deixa de querer viver. Isso reflete que no fundo da estrutura humana está presente a capacidade de *dar crédito à realidade que por sua vez é digna de crédito. É a fiducialidade*, que pode ser traduzida *como a capacidade do ser humano para a esperança*. Em outras palavras: a realidade a que se

³ Cf. J. RUIZ DE LA PEÑA, *El último sentido*, op. cit., p. 29.

dá crédito é digna de esperança e a esperança é base sobre a qual se firma toda a condição de possibilidade da existência.³ A esperança em seu sentido mais profundo, se situa em um nível que é prévio a toda filosofia, a toda ideologia, e inclusive a toda religião, uma vez que estas já são justamente respostas ou tentativas de responder à abissal pergunta que esse mistério apresenta sobre todo ser humano.⁴

⁴ Cf. A. QUEIRUGA, *Esperança apesar do mal*, op. cit., p. 16.

A RESPOSTA CRISTÃ

Identificadas estas premissas, é válido perguntar em que sentido a *perspectiva cristã* responde e alimenta a esperança do ser humano que é vítima do mal. Em um mundo tão secularizado, cabe ainda uma resposta religiosa à esperança de quem sofre? E qual seria essa resposta?

⁵ Cf. A. GESCHÉ, *O ser humano*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 41-43.

Em um primeiro momento podemos fazer referência à idéia de *Salvação*.⁵ Quem crê em Salvação, crê que nada é definitivo, fatal, determinado, irreparável, como nos tentam dizer as ciências. Ao contrário, a mutabilidade, a transformação, é uma característica da fé cristã.

*A ideia de salvação é exatamente a ideia de que tudo pode ser salvo. A fé se apresenta como um discurso do impossível considerado possível. Quando a fé fala de Deus como criador ex nihilo (ex impossibili, poder-se-ia dizer), como Salvador, ela diz que, se não se quiser parar de ser humano, é preciso acreditar no impossível e parar de acreditar miseravelmente só no possível.*⁶

⁶ Idem, p. 41

Esse é o sentido da esperança, da qual a fé é a base. A esperança crê que há sempre motivo para superar a determinação, a fatalidade; crê que tudo pode ser retomado, refeito de melhor forma, que o ser humano não é preso a um passado, mas que está aberto ao futuro, à mudança. *A realidade não é aquilo que é simplesmente, mas aquilo que poderia ser, aquilo que deveria ser, aquilo que se deve querer.* Aqui se nos apresenta o horizonte escatológico da fé, chama-nos a uma realidade maior e misteriosamente presente, além do que vemos

e tentamos medir. O que nos é sugerido pelas filosofias que, de maneira geral, *imobilizam o ser*. Aquilo que nos é sugerido por Deus, para o ser humano e seu mundo, em termos teológicos, *mobiliza o ser*: diz do ser humano não apenas o que ele é, mas o que ele pode chegar a ser. A esperança e a fé dão um direito do ser, do dever ser algo maior e melhor.

Em um segundo momento, a consciência do *caráter pessoal* do Deus bíblico, faz com que a esperança seja central e base da relação com Ele. O desenvolvimento histórico de Israel está centrado em torno da promessa de Deus, refletida em sua religiosidade. Quando o povo toma consciência de viver sob um regime de promessa, sua religiosidade passa a conferir-lhes altas doses de esperança, ainda que haja períodos de oscilação entre a esperança raleada ou estancada e períodos de esperança mais viva, acelerada, e embora a história de Israel apresente mais fracassos que êxitos, a esperança não desaparece porque a promessa compreende, além de seus objetivos históricos, materiais e imanentes, compreende ao Deus mesmo que promete. É Deus mesmo que mantém sua palavra, que é fiel, verdadeiro: *Vós sereis meu povo e Eu serei vosso Deus*.⁷

O sentimento de pertencer a Deus, e ainda mais de possuí-lo, é o núcleo da religiosidade israelita, mais que qualquer outra experiência e por isso foram capazes de manter viva a esperança. *A promessa de Deus e Deus mesmo coincidem*. A relação entre Deus e ser humano, é regida por essa aliança realizada e garantida por Ele. Assim, tendo por base a certeza de que Deus estará sempre com o ser humano, este segue adiante no seu percurso histórico rumo ao futuro. A esperança de Israel alinha-se com a compreensão da história como processo, onde não há recuperação do passado, mas sim a certeza de um futuro glorificado, com base somente na certeza da palavra prometida de *Yahweh*: a fé e a esperança no futuro, são dois fatores interdependentes.

A partir do princípio da relação Deus e ser humano, e da confiança n'Ele se pode compreender que a ideia de vida para Israel (onde a palavra promissora inclui a posse de um país rico, de fecundidade, e do desfrutar estável dos bens concedidos por Deus) está ligada à esperança que se fixa na existência histórica e concreta, e não em uma dimensão celestial e nada é mais alheio a Israel, que a visão trágica da vida.

O conceito da vida se expressa com um plural in-

⁷ A idéia da pertença a Deus é objeto de reflexão também em: Ez 36,26-28; Os 2,21-22; Jr 31,33-34; Is 54.

⁸ Cf. J. RUIZ DE LA PEÑA, *La pascua de la creación*, Madrid: Marova, 2002, p. 54.

*tensivo (hayyin) que significa também felicidade. A ele pertencem a força, a firmeza, a segurança, o bem estar e a saúde.*⁸

⁹ Jó 2,4; Ecl 9,4.

¹⁰ Dt 5,16; 16,20; 30,19.21, Am 5,4.6; Ez 18,23.32.

A vida é mais que mera existência; é considerada plenitude existencial. É o bem supremo dado por *Yahweh*, pelo qual o ser humano está disposto a dar tudo o que possui e tem como meta e satisfação sua conservação;⁹ e para o israelita o ideal mais querido é a preservação e prolongação da vida.¹⁰

A ideia de que a vida é dom de Deus, traduz em si mesmo a origem da promessa, por isso se pode compreender a vida em um sentido mais amplo que o biológico. O ser humano que está em comunhão com Deus, tem garantido a vida; esta é a base da sua vitalidade e de onde surge a segunda compreensão, de que a vida se pode dar em plenitude, inclusive na dificuldade porque mesmo nela, o ser humano permanece unido a Deus.

A reflexão de Israel avança para a questão da *retribuição*, quando se pergunta: como retribui Deus o bem, o mal? ou ainda: o ser humano que se mantém em comunhão com *Yahweh*, terá o mesmo destino do não piedoso? O desenvolvimento dessas ideias vai se transformando paulatinamente à medida que se questionam os critérios de retribuição de Deus para com o ser humano.

O tema da retribuição é inerente ao pensamento semita, uma vez que *Yahweh* é considerado um Deus, sobretudo, justo, e a ideia de justiça é coincidente com a de *Tsedaqad* que significa justiça distributiva, segundo o qual, para as ações boas ou más Deus dá uma resposta adequada. A questão está em como atua essa justiça distributiva. Para Israel isso deve sempre ser respondido em termos temporais, na terra, em seu tempo e em sua história.

Esta se dá em duas chaves: a *Justiça comunitária, ou para a comunidade*: a partir da própria antropologia hebraica, que tem seu acento na dimensão social do ser humano, e que considera o destino comum sempre para o grupo, seja a família, clã ou nação.¹¹ Essa dimensão é também religiosa, posto que o povo também é objeto da eleição divina,¹² tanto para as bênçãos como para as maldições de ordem temporal.¹³

¹¹ Êx 29, 15; Nm 16, Js 7; 1Sm 2,27-36; 2Sm 24,1-17, Gn 7, 1.13; 19,12-16; 12,3.
¹² Dt 7,6-8, Êx 19,3-8, 24,3-8.

¹³ Os 8,11-13 ; 13,4-15; Am 2,4-16, 4,6; Mq 3,9-12; Is 1,21-28.

E a *Justiça individual, para cada pessoa* onde é enfatizada a responsabilidade que cada um tem frente a Deus. A tese da relação Deus e ser humano é *demonstrada* pela preocupação de que o oráculo sobre as leis da nova aliança tenha seu centro

no coração de cada ser humano e não somente em pedras, de modo que cada um e todos conheçam a *Yahweh*. O texto do profeta Jeremias apresenta uma *chamada* à religiosidade decisiva e pessoal, até à responsabilidade individual frente a Deus, quando adverte a seu povo para que se esqueça o velho refrão de culpar as gerações passadas, pelos desastres atuais e para que aceite e assuma a própria responsabilidade.¹⁴ A partir de então se formula um novo princípio de que Deus julgará a cada um segundo seu proceder, mantendo todavia a perspectiva de prêmio e castigo, que segue no Livro de Provérbios,¹⁵ onde se contrapõem a sorte do justo à do ímpio refletida em palavras como vida-morte, prosperidade-desgraça e nos Salmos 1, 128 e 91 que destacam a felicidade para o justo e para os que esperam em Deus.

Os textos de Jó e Eclesiastes apresentam uma mudança de mentalidade e ampliam a reflexão, quando mostram que Deus pode ser o *castigador* dos que são justos e fiéis a Ele.

O Livro de Jó apresenta seu personagem que defende a sua inocência e espera ser justificado, para que os demais vejam qual é a imagem correta de Deus, que é Aquele que ama aos seus filhos. Apesar de seus momentos de blasfêmias,¹⁶ em que os demais veem a sua situação de fúria de Deus, este está convencido que existe a justiça e a bondade de Deus e é justamente aí onde aparecerá a sua grandeza: na sua tenaz adesão a Deus e na sua expressiva repulsa a qualquer tipo de ateísmo. Para além do drama de Jó, permanece a sua fé, despojada, que crê em Deus por Deus mesmo, uma fé pura, ainda que sejam obscuros os caminhos que este usa para fazer sua justiça; esta fé traduz a esperança genuína em Deus.

Em Eclesiastes, ainda que haja uma modificação de contexto, permanece o horizonte da justiça de Deus, mesmo que não possam ser demonstrados seus valores. Neste contexto a vaidade é a ausência de valores; não há nada que valha realmente a pena; existem justos que sofrem e ímpios que são aparentemente premiados.¹⁷

A experiência que se deduz dos livros de Jó e Eclesiastes não elimina a figura de Deus, pelo contrário: são experiências realizadas em fatos concretos e históricos que dão significado a estes relatos e mostram que a justiça não é a perfeição do binômio bem-mal em relação ao justo-injusto, mas que a *justiça de Deus chega por caminhos desconhecidos*, para o que se faz necessário buscá-la através da *esperança*

¹⁴ Jr 20,30; 18,29; 18,30; 33,12-20;28, 24-26; 33,25-29.

¹⁵ Provérbios 4,13; 7, 2 ; 9,6 para ter a vida; 3,18 para ter a felicidade; 1,23-32, 7, 24-27 para quem se separa da sabedoria e encontra a morte e a desgraça.

¹⁶ Jó 9,23 ss.

¹⁷ Ecl 8,14.

¹⁸ Cf. J. RUIZ DE LA PENA, Creer desde la experiencia del mal y de la injusticia. In *Una fe que crea cultura*. Salamanca, 1997, p. 296-310.

transcendente, para dar sentido à existência.

Não queremos aqui debater a questão do mal e do sofrimento em si mesmos, mas demonstrar que a relação entre *esperança e fé é compatível com a percepção e o sofrimento do mal*, e se refletem posteriormente na pessoa mesma de Jesus: *também Jesus, e ele mais que ninguém, foi chamado a crer passando pela experiência do mal.*¹⁸

Há duas possibilidades de crer desde a experiência do mal: *uma de quem fez essa experiência*, quer dizer, sofreu o mal e continuou crendo; e outra que crê falando do mal desde fora, somente *em teoria*. A fé cristã crê que Jesus é a última palavra reveladora de Deus, quer dizer, Ele mesmo é a palavra de Deus em pessoa. Neste sentido a palavra de Deus, não será um discurso como o esperado em Jó, senão que será toda uma vida: a vida de Jesus, sua palavra, feita carne. E se a vida de Jesus é a resposta de Deus, propomos ver como Jesus sofreu e reagiu ao sofrimento pessoal do mal, para que seja também isso modelo para as pessoas que sofrem. E elas possam encontrar n'Ele respostas às suas vivências e experiências pessoais.

Jesus lutou contra o mal: Não ficou parado como um observador. Os textos bíblicos demonstram que Jesus parece ter compreendido em seu ministério, em sua ação pública, a luta contra o mal como um *duelo de morte contra o demônio*. Jesus é aquele que reconhece o mal, com envergadura, e o encara sabendo que é algo devastador e sério. Sem, no entanto, se deixar ofuscar por ele. Soube reconhecer também as obras de Deus. Jesus, apesar de passar pela experiência do mal, irradiava os traços de crença e fé que são inerentes à condição humana, revelado em seu equilíbrio e interioridade, rejeitando por completo a perspectiva trágica da vida.

Jesus experimentou em sua paixão as três formas de mal: físico, psíquico e moral. Não somente sofreu uma tortura física, corporal, mas também *padeceu o fracasso de sua missão, o eclipse de Deus que constituía seu polo de referência permanente*, bem como o descrédito público de sua causa e o abandono por parte dos que o seguiam.

Por fim, **Jesus responde ao mal, desde três perspectivas muito concretas:** (1) Desde o AMOR: um amor ao ser humano e à realidade que o levam a aceitá-los tal e como são. Homem e realidade são amados e nisso consiste a novidade de sua atuação. Ama a todos, mas em primeiro lugar os *maus*:

pecadores, prostitutas, leprosos, pobres... . Neste sentido ele acolhe as questões que levam ao mal, não simplesmente as suporta como se não tivessem mais solução. Jesus as assume, porque nestas situações se desvela a possibilidade de esperar contra toda a esperança.¹⁹

(2) Desde a FÉ: Jesus não compreende o mal que padece: *Pai, por que me abandonastes?* Isto é o mesmo que ocorre com cada pessoa humana, ao menos uma vez na vida. As respostas às questões mais essenciais se apagam por completo e somente restam no pensamento *os por quês*. Jesus acreditou em Deus, desde o seu por quê mais existencial. Não acreditou em Deus, desde fora, ou apesar de, ou à margem de. Não o fez como um ato filosófico ou externo, confiou em um Deus, que apesar do mal, continuou chamando-o de *Abbá*.

(3) Desde a AÇÃO: Ao contrário de Elifaz ou dos amigos de Jó, que o incentivavam a resignar-se ou a submeter-se, Jesus atua, age na luta contra o mal. Os textos bíblicos nos apresentam grande quantidade de curas e sinais que realiza, demonstrando essa luta constante. Como afirmado por Bloch:

O mestre Galileu não é o manso cordeiro que nos pintaram os poderosos para poderem continuar tosquindo impunemente as ovelhas. Ele é o tribunus plebis, o Filho do Homem, o líder que se bate contra o mal.

Seja como for, ele mantém a confiança viva apesar de uma iminente derrota definitiva.²⁰

Neste sentido Jesus não é um *asceta* que usa o mal como técnica virtuosa, porque não acreditando na vitória sobre o mal, faz dele uma necessidade que pretende domesticar e acostumar-se em porções sabiamente dosadas. Não! Jesus se apresenta mais como *místico* que se apresenta como aquele que acredita na vitória sobre o mal, porque crê em um Deus que é digno de crédito para tal vitória. *Não aspira à ataraxia, nem à apatia, porque não se resigna com o mal.*²¹ A certeza de não estar sozinho nesta a luta o leva a amar a realidade que de outra forma teria de ser renegada.

É possível uma resposta cristã, para as vítimas do mal? *Em outras palavras, é possível crer desde a experiência de ser atingido pelo mal?* Baseando-nos na experiência de Je-

¹⁹ Jo 9,1-3.

²⁰ Cf. J. RUIZ DE LA PEÑA, Ernest Bloch: un modelo de cristología antiteísta. *COMMUNIO*, 1979, 6, p. 66ss.

²¹ Cf. J. RUIZ DE LA PEÑA, *Teologia da Criação*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 149.

sus a resposta é: SIM. É possível continuar crendo e agindo a partir da experiência das vítimas porque Jesus mesmo acreditou!

A fé cristã afirma que tudo que pode ser dito de Jesus, pode ser igualmente dito de Deus, ou seja, tudo o que se afirma de Jesus *versus* a luta contra o mal, pode e deve ser afirmado igualmente para Deus.

Aqui se coloca o escândalo mais insuportável do cristianismo; escândalo que repugnando a judeus e gentios, horrorizou Ário e Nestório, que no Getsêmani sofreu Deus, que no Gólgota morreu Deus. Jesus acreditava no Abba, no Deus Pai. Nós acreditamos em Jesus, o Filho de Deus, o Deus Filho. Este é o verdadeiro Deus 1Jo5,20, o único crível para a fé cristã; não um Deus apático e muito menos um Deus Moloc, mas o Deus que se compadece e sofre conosco.²²

²² Ibidem.

Deus não intervém no sofrimento, no mal, no sentido de extingui-lo, assim como também não se coloca como um expectador ou verdugo ou como um sadomasoquista. Uma teologia que exige a intervenção de Deus para evitar o mal, não é cristã, porque ignora que Deus passa pelo sofrimento com seus filhos e não é um Deus apático e distante como os da concepção grega. A teologia cristã afirma que *Deus está dentro das situações do mal*, não como causador (evitando ou permitindo) mas como alguém *sofrendo junto com*; não como aquele que suprime mas como *aquele que mostrando ser possível assumi-lo, desvelando que inclusive no sofrimento há um sentido*.

A teologia cristã aponta para a inversão da teodiceia deísta. Enquanto esta apresenta Deus como inocente do mal do homem, como Deus sendo capaz de evitar o mal; aquela declara que Deus sofre com o mal do homem. O Evangelho aponta para o fato de que o homem é capaz de inferir o mal a Deus e proclama a Deus como alguém que sofreu este mal.

Começamos avaliando a Salvação como questão positiva, de transformação, como característica da fé cristã. É válido agora perguntar-nos: como e qual é o significado da salvação na vida de quem é vítima?

Ao responder a essa pergunta, podemos partir da premissa do Amor de Deus pelo ser humano.²³ A doutrina cristã da

²³ Cf. J. RUIZ DE LA PEÑA, Salvación: una existencia agraciada. In DEL RIO, M. (Ed.), *La cultura del Diálogo*. II. Desafíos del final del siglo. Sevilla: El Monte, 1997.

Graça é um contínuo explicar a afirmação do amor incondicional de Deus por seus filhos. Esse amor está no começo (Deus cria por amor) e no fim (Deus *plenifica* a sua criatura por amor), bem como no trajeto todo de cada existência humana a qual Deus acompanha com amorosa presença.

²⁴ Is 49,15; 54,10

Seja qual for a atitude humana ou a resposta dada a Deus, continuará sendo verdade que o amor eficaz de Deus ²⁴ é promessa de perenidade, tende a uma definitude, que tem por objetivo que o homem possa participar do próprio ser de Deus e cumprir o destino para qual foi criado: ser divinizado sendo-o em Cristo. O ser humano é convocado, portanto, para o desenlace em que se baseia toda a sua estrutura original. Deus cria o homem finito com o propósito de que seja ele mesmo quem experimente a sua finitude, com a intenção de fazê-lo saltar as barreiras da sua limitação, de sorte que o que o ser humano é por natureza, transcenda até o que ele deve ser por graça. A existência humana completada pela graça de Deus, é denominada *existência agraciada*.²⁵

²⁵ Cf. J. RUIZ DE LA PEÑA, *Salvación: una existencia agraciada*, op. cit., p. 331.

O *conceito de graça* que é próprio e específico da religião cristã, não é entendido por uma sociedade técnico-científica onde se professa cegamente a ideologia da eficácia e se aposta no poder da autossuficiência, crendo que tudo se deva à própria pessoa, tornando-se completamente insensível à gratuidade. Também não é entendido o *conceito de salvação*, comum a todas as religiões (inclusive constando de alguns sistemas filosóficos, como o caso do marxismo humanista de Bloch) e chave da linguagem religiosa. Podemos apresentar ao menos três os motivos para essa incompreensão:

A idéia de salvação: Não é fácil determinar, em que exatamente o homem será salvo. Definir e circunscrever o término salvação, é praticamente impossível. E se considerarmos as demandas pessoais de cada um, os elementos subjetivos, torna-se muito improvável encontrar um elemento universalmente válido, motivo pelo qual atualmente se privilegia a idéia de liberação à de salvação. No entanto, o ser humano não aspira somente à liberação, em sentido de categoria negativa, do mal moral, físico e social, aspira também à salvação como categoria positiva, como quem deseja a felicidade; e não como simples ausência do mal, senão como *presença do bem. Sonha com uma situação consolidada na plenitude vital, imune a toda ameaça.* Neste sentido a idéia de

salvação por estar aparentemente distante e alheia à realidade e aos desejos mais emergentes e concretos do ser humano, é deslocada a uma segunda possibilidade de ocorrência.

A globalidade que caracteriza o conceito de salvação: O homem é ao mesmo tempo essencialmente ser individual, social e mundano e a salvação tem que alcançar esse triplo extrato humano. Significa que deverá de ser obrigatoriamente salvação da pessoa, da sociedade e da realidade, ao contrário de um projeto liberador que pode se dar de forma parcial e regionalizado para solucionar uma situação específica.

A crise da idéia de salvação no próprio cristianismo: O discurso sobre a graça e a salvação ficou prejudicado pela não atualização da linguagem que se utiliza para anunciá-las, que se manteve em categorias que atualmente dizem pouco ao homem da modernidade, da racionalidade crítica. Somado a isso, a teologia clássica da salvação ficou especializada na dimensão transcendente da relação Deus e ser humano, deixando de lado a dimensão sócio-histórica.²⁶

A situação atual é que se, de um lado, a oferta cristã da salvação não recobrou seu crédito, porque continua sem conectar-se com a realidade; por outro, as ofertas laicas substitutivas sofrem o desgaste e o descrédito de quem prometeu mais do que podia cumprir. O ser humano de hoje, percebe o mundo como realidade desintegrada e fragmentada, determinado pelas forças sociais. A tudo isso se soma o sentimento de desgarramento interior, de solidão e da incomunicação, e que estão em todos os espaços da realidade acentuados pela crise ecológica, a quebra de modelos éticos e o nihilismo radical que aposta no absurdo como único modo lúcido de se enfrentar a realidade.

A resposta cristã, frente a esse horizonte de ausência de significado, afirma e insiste em retomar o anúncio, da pessoa de Jesus, *em quem está a salvação e quem é a salvação*, com linguagem clara, atualizada, relacionando-o com a realidade concreta das pessoas.

Afirmar que *em Jesus está a salvação*, implica dizer que n'Ele se dá o acontecimento salvífico que Israel aguardava desde sempre e que engloba sua vida, morte e ressurreição.

Sua vida demonstra, em seus atos e palavras, atitudes de salvação de maneira atípica e insólita, já que apresenta uma parcialidade a favor daqueles que se encontram em uma situação social e religiosamente desvalorizada, na indicação da predileção pelos pobres e pecadores. O pecador assume o caráter não

²⁶ Idem, p. 333. *La doctrina cristiana olvidó que la condición de posibilidad de la salvación es la liberación, y que sólo articulando proyectos prácticos de liberación se hace creíble el proyecto utópico de la salvación.*

somente da descrição interior da pessoa, senão também como os marginalizados da sociedade e os pobres são os que serão evangelizados, os que serão incluídos no projeto de salvação de Deus. A salvação que Jesus anuncia é o amor gratuito desde o vazio que somente os desgraçados, desprovidos, despojados de valores de justiça e riqueza, podem estar abertos para receber, e que são por antonomásia os agraciados de Deus. A religiosidade judaica, que como vimos, pensava a salvação em termos de justiça comutativa (se o ser humano tem uma atitude, Deus terá necessariamente que ter outra correspondente), muda completamente em Jesus que oferece uma salvação entendida como agraciamento dos desgraçados, como dádiva, como gratuidade.

Na morte (ao contrário do sustentado pela Teologia clássica) mostra que o ato salvador, não é a cruz em si como instante periférico e pontual, senão que Jesus nos oferece a salvação durante toda uma vida e não morrendo somente.

*A existência de Jesus foi toda ela salvífica porque foi uma existência entregue, em que a morte não é um fato isolado, senão que a culminação lógica de um processo vital coerente e inteiro.*²⁷

²⁷ Idem, p. 337.

A vida e a morte de Jesus estão interrelacionadas e o ato de morrer-por é o desenlace de viver-em-favor-de, pelo que, mais que viver uma ação sacrificial, ele ofereceu um sacrifício-existencial. Totalizando e consumando a morte, autentica a vida. Isso mostra que Jesus apresenta na verdade uma vida livre e amorosamente entregue, desvelando o amor mais autêntico daquele que tem amor maior, pois, dá a vida por seus amigos.

A Ressurreição demonstra que a vida salvífica de Jesus não termina na morte, para ficar nela. Efetivamente o amor que é autodoação não se apaga e desaparece sem deixar vestígios, senão que em sua aparente impotência termina revelando-se como mais forte que tudo, mais forte inclusive que a própria morte. *A vida entregue conduz à morte de quem a entrega, mas não pode acabar nela.* Chega a sua destinatária recuperada e potenciada pela ressurreição de uma *existência agraciada*. A salvação consistirá nessa vida entregue por Jesus, recuperada na ressurreição e acolhida por cada ser humano na resposta livre pela fé e pelo amor, assim a sequência vida-morte-ressurreição é por onde tem lugar a **assunção solidária** da condição humana. É mais que simples liberação do

negativo, que reparação de ofensa, que fim de castigo, senão que é o que há de mais positivo: o amor e a vida, com ingredientes básicos da existência agraciada.

Afirmar que *Jesus é a salvação*, implica em dar um passo mais definitivo, a partir da leitura anterior da vida e morte, e, à luz da ressurreição, afirmar que Jesus é Deus em pessoa. Ser Jesus a salvação é compreender o ser de Deus dando-se na história a cada um de nós, para que sejamos divinizados ao sermos solidários com Ele. Assim é possível compreender que a salvação do ser humano seja sua divinização porque, ao transcender a sua finitude constitutiva, transpassa o ontológico e consegue alcançar a desejada densidade e abrigo vital de sua existência em Deus mesmo.

Em o Novo Testamento verifica-se a presença de um Deus que não é concorrente do homem, mas que é aquele que realiza a promessa: *sereis como Deuses!* E, pela encarnação de Jesus, revela que o ser humano não se aliena divinizando-se, porque é Deus que se aliena primeiro por amor, humanizando-se. A Soteriologia ascende à Cristologia: o dado Jesus desintegra a metafísica grega na qual a realidade divina era explicada pelo *status* superior que competia a Deus e ao inferior que competia ao ser humano entre ambos. Em sua estrutura quase imutável, não havia comunicação possível. Em Jesus se instaura uma metafísica nova: não há separação e confinamento ontológico do ser humano, senão participação salvífica. Deus e ser humano não são rivais, senão que estão feitos um para o outro e para se encontrarem substancialmente em Jesus: Deus é salvador do homem. O Deus cristão é singular, porque se apresenta como homem em Jesus, e por ser um Deus que morre, não por lei natural, mas de forma não acidental ao fim de um processo legal. Negar essas realidades foram causas de muitas heresias na história da Igreja, porque insistiram em sustentar a idéia grega de Deus. Reconhecer corretamente o Deus cristão, é primeiro, reconhecer que a cruz também é parte da definição de Deus. A lei e a ordem nunca serão dispensadoras de salvação, quando muito compõem os elementos que preparam o processo salvífico: Jesus não salva o ser humano matando-o, mas morrendo por ele.²⁸

Desta forma pode-se afirmar que *a salvação brota do acontecimento da Páscoa, que funde em uma unidade: cruz e ressurreição*, e não somente brota da cruz como afirmaram os legalistas, os estóicos e ascéticos, nem apenas da ressurreição

²⁸ Idem, p. 341.

como afirmaram os místicos e utópicos. Se, por um lado, afirmar unicamente a cruz é ressaltar a dor e supor um Deus apático, é também admitir que venceu a justiça que mata os homens e que os arrasa e os faz resignados frente a ela; por outro lado, afirmar somente a ressurreição da filiação divina e da glória equivale a desconsiderar toda a história humana, que não se poderia considerar atingida pela redenção. A salvação realizada por Jesus não é alheia à história e nem assume uma postura cínica para com ela. Mas, que Deus a assume, que lhe toca mostrar que nela também é possível acontecer a salvação humana.

*Confessar a Jesus Cristo como salvador significa crer que o sem-sentido, a alienação e a dor podem ser vencidos; exige, portanto, não resignar-se passivamente ante a persistente emergência desses fenômenos.*²⁹

²⁹ Idem, p. 343.

Participar da vida de Jesus é compartilhar com Ele a sorte dos desventurados, é retirar os crucificados da cruz, é opor-se ao poder que oprime e aliena, é denunciar o mal, e fazer frente a este até o ponto de converter-se em vítima se necessário, a exemplo de tantos mártires. Anunciar o Reino de fraternidade, liberdade, justiça e vida como realidades já implantadas, equivale necessariamente comprometer-se contra todo o que não favorece a implantação do Reino e a Palavra que proclama o Evangelho da salvação, assume o sentido sacramental, porque há de ser realização eficaz do que significa.

Portanto, *crer desde a cruz de Jesus* é crer na confiança da vitória sobre a morte e sobre toda forma de mal, e colocar-se contra toda forma de passividade contra ele. É crer atuando, é esperar a ressurreição que a opera dentro da história. É assumir o compromisso comunicador de salvação, animado pelo amor, com atitudes de generosidade, de amor gratuito, de entrega da vida, que não podem ser alcançadas somente pela capacidade humana, mas sim, acolhidas como puro dom, graça, e participação adotiva na natureza divina e habitação do Espírito.

Jesus não somente marcou o paradigma do humano, mas pela ressurreição e por sua divindade pôs em circulação um dinamismo novo que continua acontecendo no mundo, através da compaixão e do amor, e que são graça de Cristo.

Afirmar a salvação é afirmar a existência agraciada e a sua inseparabilidade da práxis histórica e libertadora. A tensão liberação-salvação não se resolve para a fé cristã como um dilema de ter que optar por uma ou outra, senão que ambas são complementares.

³⁰. Idem, p. 345.

*A salvação não se esgota na liberação, mas passa por ela. A salvação é o futuro da liberação e a liberação é o presente da salvação; é a salvação operando no JÁ e esperando o AINDA NÃO da consumação escatológica.*³⁰

No entanto, a salvação da história não é possível sem a dimensão do mais além dela mesma, e isso porque a fé cristã estima o ser humano e a história a tal ponto que espera vê-los situados na plenitude do *definitivamente válido* e não os condenar à finitude e ao vazio da história mesma, desta forma respondendo à pergunta sobre o sentido da pessoa singular e concreta. Uma história que pretende embasar-se e esgotar-se em si mesma, nunca poderá resgatar seus mortos nem reivindicar suas causas perdidas: a injustiça permanece sem reparação, a morte permanece onipresente no progresso da história, porque esta por si mesma não pode dar-lhe sentido.

³¹ 1Cor 15,28.

Contra essas utopias intra-históricas, a fé cristã sustenta que a salvação transcende a história, e que esta alcançará sua total plenitude quando a vida triunfar sobre a morte e *Deus seja tudo em todas as coisas*.³¹ Isso não é afirmar a negação da história, mas ao contrário afirmá-la e convalidá-la como nenhuma outra utopia intramundana pode fazer.

CONCLUSÃO

A fé cristã acredita ser possível falar de esperança a partir dos que sofrem, porque para esse tema oferece não uma resposta teórica, senão que oferece uma pessoa em concreto: *Jesus de Nazaré, o Deus feito homem*.

Embasado pela propensão natural e intrínseca do ser humano à esperança e com os olhos fixos no caminho percorrido por Jesus, o cristão percebe que *o mal deixa de ser um problema para converter-se em um mistério* a ser resolvido, não por uma teoria, mas pelo exemplo de Jesus mesmo, de forma pragmática, e pode fazê-lo a partir de três certezas :

A certeza de que Deus mesmo se coloca ao lado mesmo do sofredor, não como expectador, senão que, como cada um de nós, é também interpelado e *atingido* pelo mal.

*Se Deus sofre, sofre de um modo divino.... não sofre o mal como um sujeito passivo, senão que se deixa afetar por ele, com a liberdade do seu amor. À diferença do nosso sofrimento, o sofrimento de Deus não é expressão de uma falta de ser, senão de seu excesso de amor. Por isso Deus pode superar o sofrimento com o sofrimento e derrotar com a morte o poder da morte.*³²

³² Cf. W. KASPER, *Fe cristiana y sociedad moderna*. Madrid: SM, 1986, 207.

A certeza de que crer desde a cruz é crer desde a ressurreição mesma, que revela a esperança maior de que o mal já foi vencido. *De que se hoje existe o mal, no futuro, em Deus este não mais haverá*, na certeza da salvação e do amor de Deus por sua criação e por seus filhos.

A certeza de que crer desde a experiência do mal é colocar-se contra o mal experimentado. É não se perguntar o *por que* de Jó, mas sim o *como* de Jesus. E o *como* é alinhar-se contra todas e tantas formas de crucificação presentes na nossa realidade. *A esperança de vitória, no início se transforma em certeza definitiva em Deus*, quebrando todos dos fatalismos, desânimos, desesperos, existentes hoje.

